

A (des)construção de mitos nacionais em *Lambões de Caçarola*, de João Antônio, e em *As Naus*, de Antônio Lobo Antunes

Profa. Dra. Luciana Cristina CORRÊA (UNESP) ¹

Resumo:

O presente estudo procura investigar a (des)construção de mitos nacionais históricos, entre eles, o presidente brasileiro Getúlio Vargas, na narrativa brasileira contemporânea e, no caso do texto de Lobo Antunes, a (des)construção de importantes ícones no nacionalismo português, partindo do pressuposto de que ambos os textos tocam em questões políticas como as do período Getúlio Vargas, no Brasil e as do período posterior à Guerra Colonial (1961-1974), em Portugal.

Palavras-chave: Literatura Comparada, João Antônio, Antonio Lobo Antunes, personagens, paródia.

A definição de paródia como sendo um texto que contém outro texto em si, do qual ela é uma negação, uma rejeição e, ao mesmo tempo, um questionamento, aplica-se ao nosso objeto de trabalho, pois ao revelarmos como se dá a construção de alguns mitos nacionais históricos, nas literaturas de Antonio Lobo Antunes (1942) e de João Antônio Ferreira Filho (1937-1996), mostramos que a alternativa estilística de ambos os escritores advém da postura inconformista frente aos modelos culturais e históricos vigentes numa determinada época, em Portugal e no Brasil, respectivamente.

Parodiar, nestes dois casos específicos, significa (des)construir, pois os textos trazem aos leitores realidades sociais invertidas, ou melhor, ampliadas, a fim de exigir deles um crescimento ideológico ilimitado que resulta numa conscientização sobre a veracidade de valores tradicionais considerados inquestionáveis e os coloca em aberto e em discussão. A paródia, nas palavras da ensaísta Bellla Josef:

Denuncia e faz falar aquilo que a linguagem normal oculta, pela contradição e relativização que se manifesta no dialogismo essencial do carnaval, através de um discurso descentralizado. O autor introduz uma significação contraditória à palavra da sociedade. Ela só existe dentro de um sistema que tende à maturidade, pois é uma crítica ao próprio sistema. Através dela cria-se um distanciamento em relação à verdade comum e opera-se a liberdade de uma outra verdade. Na tentativa de descongelar o lugar-comum, a paródia põe em confronto uma multiplicidade de visões, apresentando o processo de produção do texto (JOSEF,1980,54).

A autora ainda pontua que a paródia, por se tratar de uma escrita de ruptura, procura um corte com os modelos anteriores e realiza uma inversão de significados e um deslocamento, ou em outros termos, ela destrói para construir.

A duplicidade e contradição da paródia fazem com que a consideremos como desmistificador do discurso realista que criou a ilusão de referencialidade e a suposta relação da narrativa com a realidade. Desde modo, “a ficção contemporânea liberta-se assim, da pretensão de verdade e, minando a realidade, torna-se mais próximo dela, afirmando uma cultura e definindo uma identidade” (JOSEF,1980,54).

Acrescentamos que a complexidade conceitual que a paródia possui nos permite dizer que a mesma pode ser considerada como um gesto de fechamento para o passado e de abertura para o futuro, ou seja, é a morte dos velhos conceitos e verdades inquestionáveis para o surgimento de um novo texto e, por conseguinte, de um novo olhar sobre os fatos. O crítico Mikhail Bakhtin, em seu

clássico estudo sobre o discurso paródico, revela o seu caráter híbrido e ainda acrescenta a sua intencionalidade:

Toda paródia, travestimento ou discurso, empregado de maneira restritiva, irônica, colocado entre aspas e, em geral, todo discurso indireto, é um híbrido premeditado, mas unilíngüe, dentro da ordem do estilo. De fato, no discurso paródico convergem e cruzam-se, de certo modo, dois estilos, duas “linguagens” (interlinguísticas): a linguagem parodiada [...] e a linguagem que parodia (BAKHTIN, 1998, 390). *Grifos do autor*

Conforme a definição de Bakhtin sobre a paródia, ressaltamos que a mesma traduz-se como sendo o cruzamento entre duas linguagens, dois discursos ou dois estilos. No caso das narrativas selecionadas para o artigo que segue encontramos o diálogo entre dois discursos específicos: o ponto de vista da História oficial brasileira e portuguesa parodiado pelos discursos literários de dois escritores contemporâneos.

Após um longo período de pesquisas sobre literatura do brasileiro João Antônio, mais especificamente, no que se refere à complexidade atribuída aos seus personagens e tendo em vista o êxito dos trabalhos resultantes é que anunciamos nosso interesse em verificar mais uma particularidade narrativa do autor, através de uma análise mais aprofundada da sua criação literária sob o viés político, porém de uma forma peculiar, pois trata-se de uma (re)leitura ou (des)construção paródica de um das personalidades mais polêmicas da história política brasileira.

Referimo-nos ao livro *Lambões de Caçarola* (1977), no qual o autor transporta a figura do presidente Getúlio Vargas para as páginas do texto através das lembranças de um narrador autobiográfico que rememora o momento getulista e sua repercussão para a população brasileira marginalizada da periferia da cidade de São Paulo, local onde sabemos, o autor passou os anos da infância, mais precisamente no chamado Beco da Onça, em Vila Pompéia.

De origem portuguesa, a família de João Antonio instala-se na periferia paulistana do Beco da Onça que é “getulista, negro, negróide, mestiço, emigrante, cafuso, mameluco, migrante, pobre, operário, corintiano roxo e paulista da gema” (ANTÔNIO, 1977) e é através dessas lembranças pueris que resulta a narrativa cujo tema “procura recriar talvez a época mais importante deste país de pouca memória, uma visão do pé para a cabeça”, nas palavras de Josué Guimarães (1977), ou seja, numa abordagem narrativa em que notamos claramente a (des)construção paródica do mito histórico do presidente Getúlio Vargas. Sob este aspecto, destacamos um excerto da narrativa:

Era o barbeiro de Getúlio e sua vida ia bem. Sem falhar um dia, nas manhãs, as sete horas, barbeava o presidente, agora acariocado de tudo. Vestia terno branco, linho cento e vinte. Elegante, na sua elegância. Mas elegante, além do sorriso. A boa figura. Uma manhã, Gegê aparece de bom humor dobrado. Sem pressa, estende um oferecimento, depois de várias perguntas: Mas você não precisa de nada? De um emprego público? A vida de barbeiro vai nos trilhos. Ganha que dá, tem certas imunidades. Mas o presidente insiste, há uma tensão. É preciso pedir. Pensa, repensa, no clima dos sorrisos. Joga: Fiscal da Fazenda. O ditador pede papel e nomeia, decretando da cadeira de barbeiro, federalmente. A partir daquele momento, fiscal da Fazenda. Com uma obrigação. Fazer a barba presidencial todas as manhãs as sete em ponto (ANTÔNIO, 1977).

Semelhante composição temática podemos encontrar numa obra da literatura portuguesa contemporânea. Em *As Naus* (1988), de Antonio Lobo Antunes, temos a presença similar de alguns aspectos narrativos que permeiam o texto do autor brasileiro, entre eles, a fusão entre o tempo histórico e o tempo narrativo, a interpenetração entre a ficção e a história e, sobretudo, a obra mantém a preocupação em mostrar a sua oposição à alienação do homem, por meio da comicidade paródica. Conforme o narrador:

(...) no polícia da brigada de trânsito que os mandou parar por alturas do motel de Oeiras, se apeou, a descalçar a lentidão das luvas, dos seiscentos escapes da sua motorizada japonesa e ergueu a mão num esboço vago de continência, Documentos. Famílias inteiras regressavam a Lisboa em longas bichas cansavas, e D. Manoel procurava a carteira na blusa, nos bolsos do manto de arminho, no interior na armadura que transportava no banco traseiro do carro, de mistura de flechas de besteiro e uma metralhadora israelita e, acabou por exhibir um pergaminho de caracteres góticos enrolados nos sucessivos sedimentos de lixo do tablier, que a polícia examinou no desinteresse com que se olham os prospectos da propaganda dos aparelhos de surdos, impingidos à saída dos cinemas por maltrapilhos favoráveis ao ruído.

-Está escrito aí que sou o dono deste país, informou o monarca com simplicidade, designando as letras (ANTUNES, 1988, 185-86).

Diante do exposto vemos que a inserção do monarca D. Manoel (1469-1521) no texto contemporâneo de Lobo Antunes e a sua interação com o presente narrativo resultam das rememorações de um narrador que também intenta, por meio do recurso estilístico da paródia, dessacralizar a memória oficial implantada pela Guerra Colonial, a fim de subvertê-la.

Da mesma forma que o narrador de *Lambões de Caçarola*, a presente voz narrativa de *As Naus* presenciou as conseqüências do fim do regime político ditatorial do Estado Novo para a população, assim como a sobrecarga da Guerra Colonial (entre os anos de 1961 a 1974), a perda de algumas colônias e o desfavorecido quadro econômico, tecnológico e industrial que se apresentava.

Cumpre-nos ressaltar, porém, que no livro brasileiro, a rememoração aparece sob a forma de lembranças da infância e a dessacralização acontece de uma maneira mais clara e a paródia apresenta-se mais sutil. Já no texto português, a releitura da história surge na forma alegórica de uma paródia mais acirrada e irônica, pois o monarca, conhecido como “o bem aventurado” pelas proezas e conquistas em seu reinado, comicamente, é trazido de um passado longínquo para vivenciar a realidade dos retornados portugueses do pós-guerra colonial, em pleno século XX.

A transposição do oficial e ilustre passado histórico lusitano, representado pela figura de D. Manoel, ocorre de forma satírica no intuito de mostrar que os heróis aparecem desacreditados e sem os reconhecimentos e as glórias merecidas por seus feitos no passado, ou seja, os mitos são fracassados como a própria pátria, revelando que não existe heroísmo para o narrador, apenas a dura realidade de um presente saturado do passado e das mazelas sociais provenientes do conturbado momento em questão.

Observada a proximidade temática existente entre os trechos selecionados dos dois autores contemporâneos, podemos acrescentar que o nosso interesse numa abordagem comparativa entre as obras citadas advém da constatação de que a paródia, utilizada por ambos, busca o passado histórico a fim de (re)construí-lo com todas as suas agruras para que se afirme a cultura e identidade nacionais, já que estas não são compostas apenas de glórias e vitórias, porém de todos os fatos positivos e negativos, que se constituem como formadores de um nação.

Podemos afirmar que, mesmo ao publicarem livros num dado momento histórico marcado pela liberdade composicional e temática, própria da contemporaneidade, ambos os escritores mantiveram a mesma preocupação social em relação aos momentos políticos pelos quais passaram Portugal e Brasil, durante o século XX.

Neste sentido, é possível observar a presença da memória no narrador de João Antônio e no de Lobo Antunes, este último, reconhecidamente considerado polifônico pela crítica literária, apesar das negações do próprio intelectual numa recente entrevista:

Começamos a escrever livros autobiográficos, mas acho que estes agora o devem ser muito mais porque me comovem quando os estou a escrever. Portanto, tenho

hoje uma partilha minha muito mais intensa com as pessoas que povoam o livro e com a própria escrita. A propósito dos meus livros, fala-se muito de escrita polifônica. Penso que não: é sempre a mesma voz que modula, que muda, que se altera. É uma única voz que habita o livro e tem uma densidade humana muito grande (ANTUNES,2006,16).

Da mesma forma, expressa-se João Antônio a respeito do memorialismo em seu livro, num jornal paranaense:

Um sentimento e um só, acima de todos os possíveis, me empurrou a tocar para a frente os meus *Lambões de Caçarola*. Era preciso pagar dívida velha. O Beco da Onça e sua gente me deram muito, quando bem menino, um dia, nos idos de 43 a 54. Gasogênio, *black out*, pracinhas indo para a Itália, racionamento, filas, zeppelins no céu e miséria geral nas ruas de terra da Vila Pompéia, atrás do campo do Palmeiras, onde o Beco da Onça ou Navio Negreiro se plantava [...]. Tentei, com jogo franco, dar alguma voz ao povo miúdo, pé-rapado, esfolado do Beco (ANTÔNIO,1977:24).

Apresentadas algumas marcas que de certa forma aproximam a escrita de João Antônio com a de Lobo Antunes, oriundas de um olhar mais atento à complexidade de seus trabalhos artísticos, torna-se importante destacar que diversos críticos literários levantam questões similares às nossas propostas neste trabalho. A este respeito, Darcy Ribeiro descreve a importância do lançamento de *Lambões*, em 1977, num jornal carioca:

Em *Lambões de Caçarola*, João Antônio prossegue em sua trilha limabarreteana de dar voz ao povão humilhado e mudo. Agora através de um texto denso como nenhum outro. Para além do que narra e descreve, ele evoca o carisma getuliano em que tantos de nós pusemos tão fundas esperanças (RIBEIRO,1977,4).

Acrescentamos às importantes colocações do antropólogo brasileiro as pertinentes observações do amigo pessoal de João Antônio e também escritor Jácomo Mandatto:

João Antônio tem tudo vivo na memória e o coloca em letras de forma neste conto ou historinha do Brasil, ao seu jeito deslavado, cru, incluindo saudade misturada com tristeza de um tempo duro e impiedoso de miséria e carestia. Mas as agruras e aflições que ferreavam os adultos, os chefes de família, naqueles áspersos tempos da Segunda Guerra Mundial, quase nunca alcançavam o entendimento da garotada peralvilha de então, preocupada em conseguir os trocados para a matinê domingueira do circo ou do cinema, ou para ver os seus ídolos (MANDATTO,1977,11).

No que se refere ao reconhecido trabalho de Antonio Lobo Antunes as palavras de Cristina Robalo Cordeiro reforçam nossas argumentações, pois a mesma discorre sobre a importância da memória como recurso estilístico presente na produção deste escritor das letras portuguesas:

A sua obra constitui um momento de particular vitalidade na cena literária, destacando-se pela singularidade e pela intensidade da voz que nela se faz ouvir, a leitura que nos suscita ultrapassa o quadro histórico-literário de uma memória de guerra para vir ancorar-se numa veia experimentalista que concilia largas potencialidades criativas no plano da linguagem com um delírio psíquico e uma divagação memorialística (CORDEIRO,2002,450).

Ainda sobre a notoriedade da literatura de Lobo Antunes, atentemos para as palavras de Eunice Cabral que sintetizam os principais aspectos da sua peculiar escrita:

De fato, uma das razões da notoriedade desta ficção é a capacidade de inovação na verbalização frontal de um mal estar, muito português, ao qual os romances antunianos têm vindo, ao longo de quase três décadas, a dar corpo e fala. Também conhecíamos a veia burlesca e satírica medonhamente lúcida dos primeiros

romances do autor, que se expande em realizações memoráveis nas obras da década de 90, em que uma parte de sua pessoa real se jogava ficcionalmente, com muito arrojo, reescrevendo, de modo oblíquo, algumas facetas autobiográficas anteriores. Outros romances que regressam ao passado português, partindo de um ponto de vista profundamente desencantado, mas simultaneamente irônico e paródico (CABRAL,2006,22).

Diante da importância de renomadas avaliações apresentadas sobre a presença marcante dos dois escritores para as letras portuguesa e brasileira, somadas aos excertos selecionados de seus trabalhos que denotam uma recuperação cultural e identitária contribuímos no sentido de revelar a complexidade e, ao mesmo tempo, a diversidade estilística de ambos os escritores reconhecidos pela crítica de forma positiva, pois representam, cada um a sua maneira e em espaços diferentes, as inquietudes e mazelas do homem moderno.

Referências Bibliográficas

- [1] ANTÔNIO, João. *Lambões de Caçarola*: Trabalhadores do Brasil. Porto Alegre: LPM, 1977.
- [2] ANTUNES, Antonio Lobo. *As Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- [3] BAKHTIN, Mikhail. Da pré-história do discurso romanesco. In:_____. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. 4ed. Trad. Aurora F. Bernardin et alli. São Paulo: EDUSP, 1998.
- [4] CABRAL, Eunice. Terrenos Baldios. *Jornal de Letras, artes e idéias*, 25/out./2006, p.16-22.
- [5] CORDEIRO, Cristina Robalo. Ficção dos anos 70. In: LOPES, Oscar (Dir.). *História da Literatura Portuguesa*: as correntes contemporâneas.v.7. Lisboa: Alfa, 2002.
- [6] JOSEF, Bella. O espaço da paródia, o problema da intertextualidade e a carnavalização. In: PORTELLA, Eduardo (Dir.). *Sobre a Paródia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- [7] MANDATTO, Jácomo. Aqui, os livros. *O Regional*, 3/dez./1977, p.11.
- [8] RIBEIRO, Darcy. Lambões do Beco da Onça. *Suplemento da Tribuna*, 13/jan./1977.
- [9] SILVA, Rodrigues da. Mais dois, três livros e pararei. *Jornal de Letras, artes e idéias*, 25/out./2006, p.16-22. (Entrevista com Antonio Lobo Antunes).

Autora

¹ **Luciana Cristina CORRÊA, Profa. Dra.**
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis)
lucicorrea@hotmail.com